



# PROMETEUS - FILOSOFIA



MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO/ JUNHO DE 2014 - VOLUME 7 - ANO 7 - N. 15

ISSN: 2176-5960

## DEUS MORA DENTRO DE NÓS: A FÉ LAICA DE SÊNECA NA CARTA 41

**Charlene Martins Miotti**  
**Doutora em Linguística**  
**Docente da UFJF**

**RESUMO:** A última epístola do livro V das *Cartas a Lucílio* trata da onipresença de deus, seja lá quem ou o que ele for. Sêneca não se propõe a defini-lo, mas enumera os muitos meios pelos quais podemos conhecê-lo e senti-lo. Ali, encontram-se frases lapidares, algumas aproveitadas amiúde pela tradição cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sêneca. Deus. Estoicismo.

**ABSTRACT:** The last letter of the book V of Seneca's *Letters* deals with God's ubiquity, whoever or whatever he is. Seneca does not propose to define him, but enumerates the various ways by which we can know and feel him. In this letter there are lapidary phrases, some of them used by Christian tradition.

**KEYWORDS:** Seneca. God. Stoicism.

A última epístola do livro V das *Cartas a Lucílio* trata da onipresença de deus, seja lá quem ou o que ele for. Sêneca não se propõe a defini-lo, mas enumera os muitos meios pelos quais podemos conhecê-lo e senti-lo. Ali, encontram-se frases lapidares, algumas aproveitadas amiúde pela tradição cristã (cf. Santo Agostinho, por exemplo, em *De uera religione* 39, 72: *noli fores ire, in te ipsum redi, in interiore hominis habitat ueritas* – Não vás até a porta, volta-te para ti mesmo, no interior do homem mora a verdade). Entre elas, convém destacar a célebre gradação em tricólon – “deus está perto de ti, está contigo, está dentro de ti” – cuja eminência levou-nos a optar pela manutenção da segunda pessoa do singular ao longo de toda a carta, a fim de que pudéssemos manter a extraordinária aliteração em *t* observada no texto original.

A carta LXI surpreende pela integração de dois conceitos não raro considerados excludentes: a magnificência de deus e, simultaneamente, sua ampla acessibilidade. Neste sentido, evidenciam-se os seguintes argumentos: 1) a reciprocidade na relação com deus (“conforme o tratamos, assim ele nos trata”); 2) a sua presença na natureza exuberante e nos homens sábios (parágrafos 3 e 4); 3) o problema em delimitar as características naturais de cada homem (em oposição àquelas concedidas por deus) e em viver conforme os nossos dons, mantendo na vida cotidiana a lembrança do sopro divino (parágrafo 8).

Para a nossa tradução, seguimos o texto latino da *Loeb Classical Library* (apenas atualizando a grafia do “v” ramista para o “u” reconstituído): *Ad Lucilium Epistulae Morales*. IV (Books I-LXV). With an English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

#### 41. SÊNECA SAÚDA O SEU LUCÍLIO

[1] Fazes uma coisa ótima e saudável se, tal como escreves, perseveras no caminho da sabedoria (é muita tolice cobiçá-la, se tu mesmo podes adquiri-la). Não devemos levantar as mãos ao céu, nem implorar ao sacerdote que nos permita chegar à orelha da estátua, como se pudéssemos ser mais bem ouvidos. Compreende: deus está perto de ti, está contigo, está dentro de ti. [2] Eis o que digo, Lucílio: um espírito divino mora dentro de nós, observando e vigiando nossas más e boas ações. Conforme nós o tratamos, assim também ele nos trata. Na verdade, um homem bom, sem deus, não é ninguém: ou poderia alguém resistir às vicissitudes do destino, se não com a ajuda dele? Ele nos dá conselhos magníficos e acertados. Em cada um dos homens bons mora um deus (mas é incerto quem ele seja). [3] Se te encontrares frente a um denso bosque de árvores seculares, as quais ultrapassam a estatura habitual, impedindo a vista do céu por causa dos ramos que cobrem uns aos outros, essa altura da mata, o mistério do lugar e o estupor pela sombra tão densa e contínua, ainda que ao ar livre, farão com que tenhas fé em um espírito sagrado. Se uma gruta, não criada pela mão humana, mas escavada em vasta amplitude por causas naturais, sustenta o peso de um monte sobre rochas profundamente roídas, isto tocará teu espírito com alguma suspeita religiosa. Veneramos as nascentes dos grandes rios, levantam-se altares à erupção súbita de água abundante, vinda do subsolo. As fontes de águas termais são adoradas, e o sombreado ou a imensurável profundidade sacralizou certos lagos. [4] Se tu vires um homem destemido diante dos perigos, incólume às paixões, feliz nas adversidades, plácido em meio às tempestades, que observa os outros homens de um ponto de vista superior e está parelho aos deuses, acaso não sentirás admiração por ele? Não dirás: “aí há algo maior e mais sublime para que possa ser julgado pelo corpúsculo em que está? Uma força divina baixou sobre ele”. [5] O poder celeste anima o espírito excelente, moderado, que sobrepuja dificuldades como se fossem insignificantes, que ri de nossos temores e desejos. Algo tão grandioso não pode prevalecer sem o apoio de uma divindade. Por isso, a maior parte de si está no lugar de onde ele descende. Do mesmo modo que os raios de sol tocam a terra, mas continuam a existir ali de onde partiram, assim o espírito magnificente e sagrado, enviado para que conheçamos mais de perto a natureza divina, convive conosco, mas se atém à sua origem; contempla-a, dela depende e por ela anseia,

e caminha entre nós como uma criatura aperfeiçoada. [6] Que espírito é esse, portanto? Aquele que irradia luz apenas do seu próprio bem. Haveria, então, algo mais tolo do que louvar em um homem aquilo que não lhe pertence? O que seria mais insano do que alguém admirar qualidades que podem ser transferidas prontamente a outra pessoa? Cabrestos de ouro não fazem um cavalo melhor. É diferente o modo pelo qual se lança [à arena] o leão de juba dourada, que, enquanto o acariciam, é forçado, já exausto, a aceitar com paciência o adorno; outro é o leão selvagem, de instinto intocado: certamente, este último, vigoroso no seu ímpeto, como a natureza o quis, atrativo por sua brutalidade, cuja beleza consiste em ser observado com certo temor, é preferido àquele lânguido e brilhoso. [7] Ninguém deve vangloriar-se do que não é seu. Elogiamos uma videira se onera com fruto as parras, se a planta que revestiu o caniçado curva-se para o chão sob o peso dos cachos; acaso alguém preferiria a essa videira uma da qual pendessem uvas e folhas de ouro? A virtude essencial de uma videira é a fertilidade, também no homem deve-se louvar o que lhe é próprio. Ele tem uma família formosa, uma bela casa, muito cultiva e muito lucra; nenhuma dessas coisas está nele, mas em torno dele. [8] Louva, no homem, o que não lhe pode ser arrancado ou concedido, aquilo que a ele é inerente. E o que seria, perguntas? O espírito e, no espírito, a perfeita razão. O homem, afinal, é um animal racional. Logo, a sua probidade se alcança ao cumprir o desígnio para o qual nasceu. O que é, no entanto, que esta razão dele exige? Uma coisa facílima, viver segundo a sua natureza. Mas a insânia comum transforma isto em algo difícilimo; empurramo-nos um aos outro para os vícios. De que modo, então, podem ser reconduzidos à salvação aqueles que ninguém é capaz de deter e aos quais a massa popular impele? Cuida-te.

## XLI. SENECA LVCILIO SVO SALVTEM

[1] Facis rem optimam et tibi salutarem, si, ut scribis, perseueras ire ad bonam mentem, quam stultum est optare, cum possis a te impetrare. Non sunt ad caelum eleuandae manus nec exorandus aedituus, ut nos ad aurem simulacri, quasi magis exaudiri possimus, admittat; prope est a te deus, tecum est, intus est. [2] Ita dico, Lucili: sacer intra nos spiritus sedet, malorum bonorumque nostrorum obseruator et custos. Hic prout a nobis tractatus est, ita nos ipse tractat. Bonus uero uir sine deo nemo est: an potest aliquis supra fortunam nisi ab illo adiutus exsurgere? Ille dat consilia magnifica et erecta. In unoquoque uirorum bonorum [quis deus incertum est, habitat deus]. [3] Si tibi occurrerit uetustis arboribus et solitam altitudinem egressis frequens lucus et conspectum caeli ramorum aliorum alios protegentium summouens obtentu, illa proceritas siluae et secretum loci et admiratio umbrae in aperto tam densae atque continuae fidem tibi numinis faciet. Si quis specus saxis penitus exesis montem suspenderit, non manu factus, sed naturalibus causis in tantam laxitatem excuatus, animum tuum quadam religionis suspicione percutiet. Magnorum fluminum capita ueneramur; subita ex abdito uasti amnis eruptio aras habet; coluntur aquarum calentium fontes, et stagna quaedam uel opacitas uel immensa altitudo sacrauit. [4] Si hominem uideris interritum periculis, intactum cupiditatibus, inter aduersa felicem, in mediis tempestatibus placidum, ex superiore loco homines uidentem, ex aequo deos, non subibit te ueneratio eius? non dices, ‘ista res maior est altiorque quam ut credi similis huic in quo est corpusculo possit? Vis isto diuina descendit’. [5] Animum excellentem, moderatum, omnia tamquam minora transeuntem, quicquid timemus optamusque ridentem, caelestis potentia agit. Non potest res tanta sine adminiculo numinis stare. Itaque maiore sui parte illic est unde descendit. Quemadmodum radii solis contingunt quidem terram sed ibi sunt, unde mittuntur; sic animus magnus ac sacer et in hoc demissus, ut propius diuina nossemus, conuersatur quidem nobiscum sed haeret origini suae; illinc pendet, illuc spectat ac nititur, nostris tamquam melior interest. [6] Quis est ergo hic animus? qui nullo bono nisi suo nitet. Quid enim est stultius quam in homine aliena laudare? Quid eo dementius, qui ea miratur, quae ad alium transferri protinus possunt? Non faciunt meliorem equum aurei freni. Aliter leo aurata iuba mittitur, dum contractatur et ad patientiam recipiendi ornamenti cogitur fatigatus, aliter incultus, integri spiritus: hic scilicet impetu acer, qualem illum natura esse uoluit, speciosus ex

horrido, cuius hic decor est, non sine timore aspici, praefertur illi languido et bratteato. [7] Nemo gloriari nisi suo debet. Vitem laudamus si fructu palmites onerat, si ipsa pondere ad terram eorum quae tulit adminicula deducit; num quis huic illam praeferret uitem, cui aureae uuae, aurea folia dependent? Propria uirtus est in uite fertilitas, in homine quoque id laudandum est quod ipsius est. Familiam formosam habet et domum pulchram, multum serit, multum fenerat; nihil horum in ipso est, sed circa ipsum. [8] Lauda in illo quod nec eripi potest nec dari, quod proprium hominis est. Quaeris quid sit? Animus et ratio in animo perfecta. Rationale enim animal est homo. Consummatur itaque bonum eius, si id impleuit, cui nascitur. Quid est autem quod ab illo ratio haec exigat? Rem facillimam, secundum naturam suam uiuere. Sed hanc difficilem facit communis insania; in uitia alter alterum trudimus. Quomodo autem reuocari ad salutem possunt quos nemo retinet, populus impellit? Vale.